

COLEÇÃO
sexo
RARO

sexo^o da
PALAVRA

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2018
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo
Projeto gráfico: Antonio K.valo
Prefácio: André Luís Gomes de Jesus
Produção Executiva: Andressa dos Santos Xavier Silva

G963

GUIMARÃES, Bernardo
O Elixir do Pajé - e outros poemas/Bernardo Guimaraes. - Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2017.
64 p.; 15 cm.

ISBN: 978-85-93892-06-6

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira. 3. Literatura erótica
1. Título

CDD: B869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

SEXO da
PALAVRA

O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais
Av. Cesar Finotti, 569/302 | Jd. Finotti
CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG
Tel: (34) 3084-3832
CNPJ: 27.693.900/0001-18
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

BERNARDO GUIMARÃES

Elixir do Pajé



e outros poemas

1ª EDIÇÃO

UBERLÂNDIA - MG
2018

sexo da
PALAVRA
VRA



Introdução

O Sexo da Palavra é um projeto inovador na área de produção editorial que tem por objetivo criar pontes entre autores e seus livros de forma dinâmica, rápida e eficiente. Partindo dos estudos de gênero e sexualidade, mote fundamental da editora, pretendemos colocar em circulação os saberes produzidos sobre a temática.

Oriunda de um projeto de estudos literários, a editora se constrói para enfrentar a deficiência do mercado em aglutinar academia e literatura de forma acessível. Assim sendo, O Sexo da Palavra se dispõe a editar coletâneas, textos originais como contos, romances etc, teses e dissertações, entre tantos outros tipos de trabalho ligados a gênero e sexualidade aliando qualidade e preço.

O terceiro livro editado pela coleção *Sexo Raro* é “O Elixir do Pajé e outros poemas”, de Bernardo Guimarães, publicado em 1875. Apesar de diversas vezes editados, tais textos se encontram há muito sem reedição. Acreditamos que os poemas de Bernardo Guimarães merecem ser lidos por todos os interessados em literatura, por isso fizemos questão de colocá-los na nossa coleção. Assim sendo, desejamos que o leitor se sinta revigorado com este elixir.

Os editores

Sumário

O pajé e o elixir contra a carece literária André Luís Gomes de Jesus	08
O elixir do pajé	24
A origem do mênstruo	36
A orgia dos duendes	47

O pajé e o elixir contra a caretice literária

André Luís Gomes de Jesus
Dr. em Teoria Literária pela UNESP,
campus São José do Rio Preto.

“O elixir do pajé”, poema erótico-burlesco, publicado em 1875 por Bernardo Guimarães, é uma dessas produções literárias que desmentem o processo de enquadramento presente no âmbito da História da Literatura Brasileira, especialmente, quando se trata de classificar escritores e suas produções e de naturalizar certos procedimentos em detrimento de outros. Ao observarmos atentamente o texto, nele percebemos já prefigurados aspectos que serão importantes para a produção literária posterior, mais especificamente o projeto literário modernista. Nesse sentido, podemos observar no texto de Guimarães a presença da paródia, do erotismo e do burlesco na constituição do que se condicionou chamar de poesia fescenina.

A tradição de poesia erótica e fescenina remonta à antiguidade clássica. Por fescenino se entende toda composição que, ao se utilizar do erotismo, excede ao limite do decoro moral vigente em sua época, caindo no campo da obscenidade. No campo de um erotismo cuja marca é o lirismo, encontramos a poética de Safo de Lesbos e suas composições voltadas para representação do amor entre mulheres. No entanto, o que efetivamente emerge como elemento que nos interessa no que toca à poesia erótica é o seu caráter jocoso, malicioso, obsceno, maldito e, portanto, cômico.

Em resenha sobre o livro *Falo no jardim*, de João Ângelo Oliva Neto, o professor Paulo Martins aponta a existência de uma poesia marcada pelo caráter chulo, portanto, risível no período greco-latino, apontando como exemplo Catulo: “Meu pau no cu, na boca, eu a meter-vos.” Além da presença de Catulo e outros poetas, classificados como “poetas novos”, a tradição erótico-fescenina na antiguidade vem consagrada ainda pelas priapéias, ou seja, poesias dedicadas a Priapo, o deus-falo da civilização clássica, aliás, tradição de certo modo retomada por Bernardo Guimarães em “O elixir do pajé”. Há ainda no campo do fescenino a presença do *Satyricon*, de Petrônio, que, embora marcado

pelo caráter prosaico/narrativo – uma revolução para o século I d.C. – mostrava um erotismo então considerado uma forma de decadência no seio da elite patriciana de Roma, o que reforça o caráter bem-humorado do texto. É importante ainda não esquecer que Bernardo Guimarães retoma toda uma tradição satírico-erótica que aparece desde o galego-português nas chamadas cantigas de escárnio ou maldizer compostas por inúmeros trovadores, como Afonso Eanes Cotom, reverberando nas composições de Gil Vicente, Camões, Boccage etc. No entanto, Guimarães, ao mesmo tempo que retoma uma tradição já antiga em termos poéticos, aponta também para o futuro literário do país.

Para além desse aspecto “vanguardista” da obra de Guimarães, é preciso ainda ter a consciência de que o autor, embora se valesse dos modelos então vigentes de produção literária (imagens e versos neoclássicos, o indianismo etc) também retomava um modelo já enraizado em nossa produção literária, tendo em Gregório de Matos o maior dos seus expoentes em solo brasileiro. Matos, que produziu um conjunto extenso de poesia lírica e moralista-religiosa, também foi responsável por uma produção satírico-fescenina que o consagrou como o Boca do Inferno. Nesse sentido, desmentindo uma

parcela da crítica e da historiografia literária que enquadra a produção poética do país num modelo essencialmente marcado pelo bom gosto, pela idealização romântica e pela busca de imagem moralista tanto do país quanto de seu povo, a produção de Guimarães vai se marcar pelo caráter dúbio, irônico e paródico presente em nossa literatura desde suas origens.

Quando nos reportamos a Bernardo Guimarães, é muito comum o ligarmos à produção romanesca – que, aliás, o consagrou do ponto de vista canônico – e a uma produção poética de inspiração Neoclássica, considerada por muitos críticos como medíocre no âmbito da produção nacional. Guimarães foi incorporado ao cânone nacional graças à produção de romances, mais especialmente pela consagração de um deles, *A escrava Isaura*, publicado em 1875, talvez a mais conhecida de suas narrativas, ainda que o escritor tenha publicado outras, a exemplo de *O garimpeiro* (1872), *O seminarista* (1872), *O índio Afonso* (1872).

Consagrado pela trajetória da escrava branca, criada como um objeto de luxo de madrinha/proprietária que não move um dedo para libertá-la em vida e pouco sabedora dos males sofridos por seus companheiros de cativeiro,

Guimarães acabou por figurar, ao longo da nossa História Literária como um romancista menor no âmbito do Romantismo brasileiro e, por conseguinte, dentro do próprio sistema literário nacional. Nos termos da chamada Estética da Recepção, a obra do criador de Isaura, consagrada pelo contexto sociocultural vigente e alvo de uma recepção possivelmente calorosa por ocasião de seu lançamento, acabou por dar lugar à prosa irônica de um Machado de Assis, mais propícia a captar as contradições da nossa sociedade.

A produção burlesca de Guimarães, todavia, parece-nos importante exatamente porque destoa de sua obra romanesca considerada banal por alguns críticos, a exemplo de Haroldo de Campos. Marcada pelo seu caráter paródico, erótico e nonsense poesias como “A orgia dos duendes” (1865), “A origem do mênstruo” e “O elixir do pajé” trazem a lume temáticas até então consideradas impróprias para um país cujo projeto literário se marcava pela busca de uma identidade em consonância com o que se acreditava haver de melhor da civilização europeia: o decoro, a discricção e, porque não dizer, a hipocrisia.

Em “A orgia dos duendes” o caráter noturno/bestial assume lugar de destaque à medida que inúmeras personagens mágicas se reúnem e contam suas façanhas. Interessante notar que, embora apresentem formatos diferentes, o poema de Guimarães parece dialogar com o conto “Onde estivestes de noite”, de Clarice Lispector. Enquanto, no texto do criador de Isaura, a reunião noturna vem marcada por seres mágicos que, de certo modo se constituíram como algozes, no conto de Lispector, o caráter bestial emerge da própria psiquê humana que se entrega, nas horas do sono, à verdade inconsciente que a caracteriza, todavia, controlada pela consciência e a civilização. A composição poética é marcada pela presença do aspecto noturno, reforçando o caráter sobrenatural dos monstros que narram suas façanhas. Do ponto de vista formal, o poema, constituído sempre por nove sílabas poéticas (eneassílabo) não mantém uma regularidade nas rimas que se iniciam no primeiro quarteto com o esquema ABAB e já no quarteto posterior é construído com o esquema CDCD e assim sucessivamente. Nota-se, nesse sentido, uma diferença de tom entre esta poesia e as duas posteriores, uma vez que tanto “A origem do mênstruo” quanto “O elixir do pajé” se marcarão pela linguagem erótica, burlesca e grotesca – ao menos para o gosto da época.

“A origem do mênstruo” retoma a imagem do Olimpo tão cara à produção neoclássica para, a partir dessa notação, constituir um aspecto carnavalesco e paródico. A imagem de Vênus, a deusa do amor e da beleza, como uma deusa regateira que peida enquanto depila a vulva está bastante distante da imagem de perfeição física mobilizada pela arte clássica e neoclássica. O Olimpo se torna, desse modo, morada de deuses de um apetite sexual condizente com sua condição divina, marcada por Vênus afirmar preparar a vagina para ser instrumento de “recreio e divinal regalo” ou mesmo a imagem de Júpiter que masturba Cupido enquanto o penetra. É importante notar ainda que, assim como “A orgia dos duendes”, “A origem do mênstruo” mantém um esquema rímico bastante irregular, ou seja, não há repetição do esquema inicial em nenhuma estrofe, além disso, ao contrário da composição citada anteriormente, o esquema silábico também se mostra irregular (os versos são hendecassílabos, decassílabos e heptassílabos). Na poesia, junta-se à utilização da imagem paródica o uso de termos como “pentelhos”, “porra”, “regateira”, “crica”, que dão o tom de humor buscado por Guimarães.

“O elixir do pajé”, por sua vez, além de materializar o olhar satírico e fescenino do criador de Isaura acerca do elemento sexual, constrói ainda um diálogo paródico com a poesia indianista consagrada, sobretudo, pelo sucesso de Gonçalves Dias, considerado o melhor poeta da primeira geração romântica. O diálogo entre os dois textos se estabelece, a nosso ver, a partir de dois pontos primordiais: a) no aspecto temático constituído na construção disfórica – ao menos do ponto de vista da representação romântica do índio brasileiro no século XIX – da imagem do velho índio “um pajé sem tesão, um nigromante / das matas de Goiás”, incapaz, segundo o próprio poema, de cumprir as leis do matrimônio, devido à impotência de seu “aparelho,/ que já de encarquilhado,/ de velho e cansado,/ quase se lhe sumia entre o pentelho”, ou seja, o poeta toma o modelo indianista-nacionalista, marcado pela idealização física e moral do índio e, num procedimento de inversão do modelo original, cria um índio velho, decrepito e marcado pelo desejo sexual; b) no aspecto estético-formal, dado o fato de que Guimarães faz uso de um metro semelhante ao utilizado por Gonçalves em “O canto do guerreiro”, construindo, todavia, um sentido marcado pelo tom satírico, a que voltaremos adiante.